



Caiado intensifica os ataques contra Flávio

Ex-governador tenta se viabilizar junto ao eleitorado com o descolamento do bolsonarismo. Essa linha teria sido a razão para troca de marqueteiro na campanha

» RAPHAEL PATI
» LUIZA ALTOE
» FABIO GRECCHI

O candidato do PSD à Presidência, Ronaldo Caiado (PSD), intensificou as críticas ao rival Flávio Bolsonaro (PL). Desde domingo eles vinham trocando acusações sobre quem estaria “ajudando” mais o presidente Luiz Inácio Lula da Silva na campanha à reeleição, mas, ontem, o ex-governador de Goiás partiu para o ataque com a ajuda do seu vice, Gilberto Kassab.

Flávio e Caiado começaram a se estranhar depois que Kassab afirmou, na semana passada, que o filho 01 tem “chance zero” de chegar ao Palácio do Planalto. Pelas redes sociais, o senador criticou os candidatos que se apresentam como representantes da direita, afirmando que esperava que todos estivessem contra o PT. O ex-governador não deixou barato.

“Realmente, eles estão desesperados. Não conseguem. Todo dia é um problema. Todo dia é uma explicação. É uma surpresinha todo dia”, afirmou Caiado, acrescentando que sua candidatura é independente e que sempre atuou contra a esquerda.

O ex-governador continuou no ataque. Numa entrevista ao canal MyNews, questionou a legitimidade de Flávio para representar o agronegócio. “Eu sou a raiz, eu não sou sabor agro”, ironizou Caiado, ao responder uma pergunta sobre as razões pelas quais parte do setor apoia o filho do ex-presidente Jair Bolsonaro.

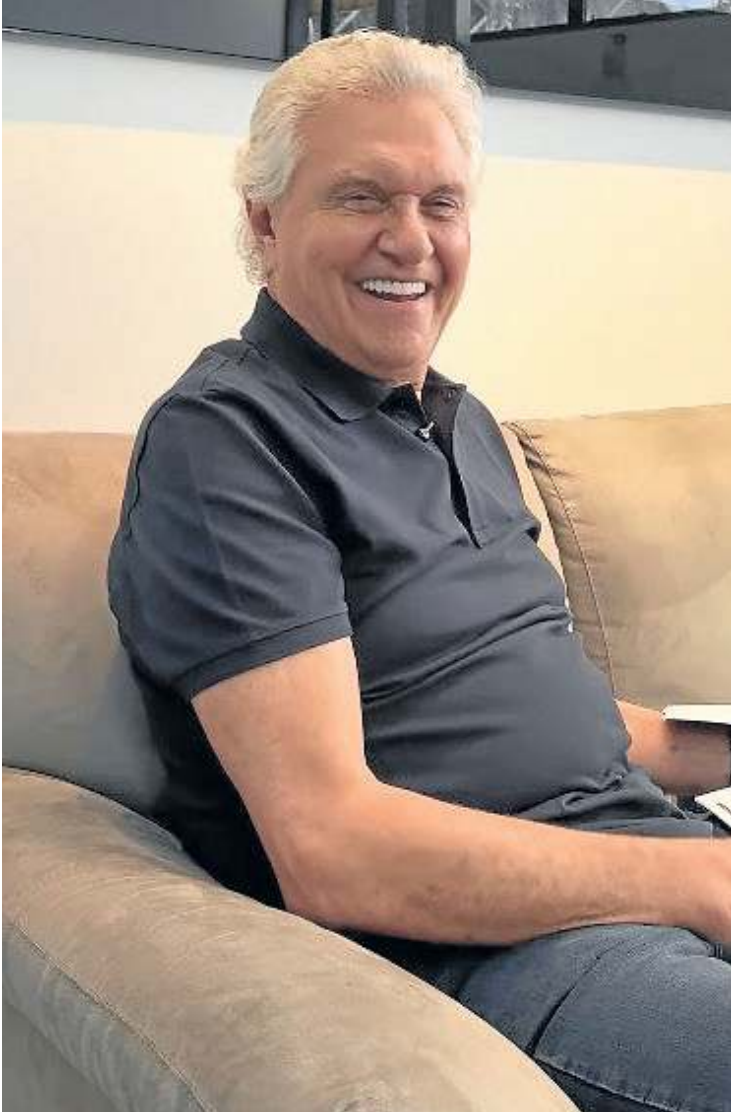
Segundo o presidenciável do PSD, Flávio “não entende” do assunto para um debate. “Onde você tem agricultura investindo e abrindo fronteira, a renda per capita, a saúde, a escolaridade e a condição de vida das pessoas são melhores”, afirmou, dando como exemplos a região do Matopiba (integrada por trechos do Maranhão, do Tocantins, do Piauí e da Bahia), de Goiás e do Mato Grosso.

Marqueteiro

Essa mudança de postura de Caiado em relação a Flávio teria sido a razão para a mudança no marqueteiro da campanha. A assessoria de imprensa do PSD divulgou nota, na noite de ontem, anunciando que Paulo Vasconcelos foi substituído por outro profissional da área. “A nova linha de comunicação será conduzida pelo publicitário Marcos Carvalho”, anuncia a campanha. Nos bastidores, a avaliação é de que a troca se deu por causa da mudança da postura de Caiado em relação aos demais adversários do espectro da direita. As críticas dele a Flávio teriam ido na direção contrária à orientação de Vasconcelos de concentrar quase exclusivamente os ataques em Lula e no PT.

Kassab, por sua vez, voltou a

Reprodução/Instagram pessoal



Caiado não considera que o presidenciável do PL represente o agro

Reproduções/Instagrams pessoais



Flávio não respondeu ao adversário do PSD. Preferiu articular em Minas

fustigar Flávio. O vice de Caiado disse, ontem, que o fato de partidos do Centrão não terem embarcado no apoio à candidatura do filho 01 foi positivo para seu partido. Conforme disse, o PSD não pertence ao Centrão porque resolveu lançar Caiado à Presidência.

“A medida que o Flávio contava com o Centrão, e agora não conta mais, ele perdeu o tempo de televisão. Se ele perdeu o tempo de televisão, esse tempo veio para o Caiado, uma grande parte. Então, foi bom para o Caiado”, disse, em conversa com a imprensa após participar de evento organizado pelo Grupo Voto, em São Paulo. “O PSD lançou o candidato porque acha que é a melhor alternativa para o Brasil para evitar o PT ou o PL, o Bolsonaro ou o Lula. Aqueles que não querem o Lula são 50% da população brasileira”, salientou.

Na avaliação de Kassab, a campanha de Flávio está “preocupada” com Caiado. “Eles não estão preocupados com o Romeu Zema, nem com Renan Santos. Então é jogo político, é jogo da campanha”, provocou.

O filho 01, porém, não contrariou Caiado ou Kassab. Preferiu atacar Lula com a divulgação de diálogos entre o filho do presidente, Fabio Luís Lula da Silva, o Lulinha, e a lobista Roberta Luchsinger. Disse que o Brasil “não é uma Suíça”, aproveitando o comentário que ela fizera em um diálogo com Lulinha. E acusou o filho do presidente de ter recebido dinheiro do escândalo do desconto dos aposentados e pensionistas do INSS.

Além disso, Flávio concentrou esforços em Minas Gerais, estado que representa o segundo maior colégio eleitoral do país e onde o arco de apoios está confuso para o candidato do PL. Mais cedo, cancelou um evento em Juiz de Fora por causa das condições meteorológicas. A cidade tem um significado quase místico para o bolsonarismo: é onde o pai foi esfaqueado, em 2018, numa passeata pela campanha presidencial. Apesar de ter ficado em delicada situação de saúde, os analistas consideram que foi a partir desse episódio é que a postulação presidencial encorpou e levou Bolsonaro à vitória.

Flávio iria participar e discursar em uma motociata. O percurso total de 7,8 km teria início no aeroporto Francisco Álvares de Assis (Aeroporto da Serrinha) e seguiria até a Praça da Estação (Praça Doutor João Penido), no Centro de Juiz de Fora.

Mesmo sem a presença de Flávio, o deputado Nikolas Ferreira (PL) levou à frente o ato em Juiz de Fora. Eles, porém, estarão juntos em um ato no comitê do parlamentar em Belo Horizonte. Os dois farão um “adesivagem” e concedem coletiva de imprensa. Eles trabalham para aumentar a popularidade do bolsonarismo na capital mineira, além de tentarem turbinar a campanha do candidato do partido ao governo, Flávio Roscoe.

Edinho cobra investigação do filho 01

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

Presidente do PT e um dos coordenadores da campanha do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) à reeleição, Edinho Silva cobrou, ontem, investigações contra a família do candidato do PL à Presidência, Flávio Bolsonaro, ao ser questionado sobre as apurações da Polícia Federal que associam Fábio Luís Lula da Silva, o Lulinha, e o ex-assessor de gabinete de Lula Marco Aurélio Ribeiro, o Marcola, a um esquema de fraudes no INSS. Segundo Edinho, a alegação de que as forças policiais teriam autonomia para investigar tanto o aliado como o filho do presidente faz com que também sejam apurados crimes

supostamente cometidos por integrantes da família Bolsonaro.

“Apoiamos e queremos (investigações sobre) as remessas de dinheiro feitas para fora do Brasil, quase R\$ 70 milhões, onde há indícios de beneficiamento da família Bolsonaro. Da mesma forma que uma compra muito estranha de um imóvel aqui em Brasília, financiado pelo BRB, banco envolvido no caso do Banco Master. Também precisa ser apurado”, cobrou.

Ditas durante uma conversa com jornalistas, na sede do PT, em Brasília, os posicionamentos também indicaram que as investigações mostram que Lula almeja estar comprometido no combate à corrupção. “O presidente Lula

combate a corrupção de forma efetiva. Ele quer que essas denúncias sejam investigadas e que os dois [Marcola e Lulinha] tenham amplo direito de defesa, como qualquer cidadão brasileiro. Mas que os dois também sejam investigados e que nesse processo possam provar sua inocência”, pontuou.

As afirmações sobre a apuração contra Lulinha ocorreram no dia em que a Polícia Federal identificou conversas entre ele e a lobista Roberta Luchsinger, também investigada no caso que apura fraudes no repasse do INSS. Nesse elo entre Roberta e Lulinha, para a PF, Marcola aparece como um beneficiário de um empréstimo feito pela lobista.

Os de Edinho — combate à corrupção, autonomia das instituições e direito à defesa — em relação às investigações policiais que apuram possíveis casos de corrupção envolvendo pessoas próximas a Lula têm sido um padrão entre a campanha e até o próprio presidente.

Lula, na semana passada, foi questionado sobre possíveis crimes cometidos por Lulinha, seu filho. O presidente, embora tenha afirmado acreditar na versão de Lulinha, negou pedir o encerramento ou o arquivamento do processo. “Eu acredito nele, mas eu já disse aos advogados: ninguém vai pedir o fechamento de processo do meu filho”, afirmou.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Vila Euclides, São Januário e Pacaembu: palcos da história

O primeiro comício a que assisti foi o da Central do Brasil, realizado em 13 de março de 1964, na Praça da República, no Rio de Janeiro, que reuniu entre 150 mil e 200 mil pessoas. O presidente João Goulart (Jango) e Leonel Brizola lideraram o evento para defender as reformas de base e pressionar o Congresso.

Era apenas um menino, levado pelos pais ao ato político no qual Jango anunciou que faria reformas por decreto, entre as quais a agrária. Carrego poucas recordações de criança: pessoas no teto das plataformas de bonde, penduradas nos postes e nas árvores; eu sobre os ombros de meu pai. Aquele comício era um “apelo às massas” para que apoiassem Jango. Talvez seja o mais famoso da nossa história política porque, semanas depois, houve o golpe militar de 1964.

Os maiores foram os das Diretas Já, que empolgaram o país, mas nem por isso garantiram a aprovação da Emenda Dante de Oliveira. A ditadura caiu no Colégio Eleitoral, com a eleição de Tancredo Neves, cuja campanha também promoveu grandes comícios. Tão grandes que, em determinado momento, o velho pessedista resolveu suspendê-los, porque temia perder o controle do povo nas ruas. Dois outros são históricos: o de Getúlio Vargas, em São Januário, e o de Luiz Carlos Prestes, no Pacaembu.

São Januário, estádio do Vasco da Gama e o maior do país até a inauguração do Maracanã, foi um grande palco da política nacional. Getúlio utilizou as comemorações do 1º de Maio para falar diretamente aos trabalhadores e consolidar a liturgia do trabalho. Ali anunciou o salário mínimo, em 1940. As arquibancadas lotadas de operários, funcionários públicos e representantes sindicais eram uma cenografia política do Estado Novo. Getúlio se apresentava como mediador dos conflitos entre capital e trabalho, e estabelecia uma relação direta com o povo, à margem das elites políticas tradicionais.

Em 15 de julho de 1945, o Estádio do Pacaembu recebeu cerca de 100 mil pessoas para ouvir Prestes. O “Cavaleiro da Esperança” deixara a prisão depois de nove anos de cárcere durante o Estado Novo e guardara enorme prestígio. Era o fim da Segunda Guerra Mundial e o Brasil voltava à democracia. Com o Partido Comunista na legalidade, defendeu a democracia, os direitos dos trabalhadores e a união nacional. No ato, o poeta chileno Pablo Neruda leu o poema *Dito no Pacaembu*, dedicado a Prestes, que incluiu no antológico *Canto Geral* (Bertrand Brasil).

Campanha eleitoral

Essa tradição foi retomada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao iniciar sua atual campanha à reeleição no Estádio Primeiro de Maio, a Vila Euclides, em São Bernardo do Campo. O local foi o palco das grandes assembleias dos metalúrgicos das greves de 1978, 1979 e 1980. As paralisações começaram dentro das fábricas e ganharam o sindicato, as igrejas, as ruas e o estádio. No começo, o som era precário; as frases de Lula eram repetidas em coro pelos trabalhadores para que ecoassem em todo estádio.

Quase meio século depois, o retorno à Vila Euclides busca o reencontro de Lula com seu mito de origem. Aos 80 anos e em sua sétima campanha presidencial, resgata a imagem do operário que enfrentou a ditadura, fundou um partido e chegou à Presidência. Diante de mais de 15 mil pessoas, Lula recordou os velhos tempos de metalúrgico, ao lado de antigos companheiros de sindicato.

Com Geraldo Alckmin, Fernando Haddad, Benedita da Silva, ministros e dirigentes petistas, Lula procurou recompor a imagem de político enraizado no mundo do trabalho e comparou indicadores de emprego, inflação, educação, salário e investimentos de seu governo com os da administração de Jair Bolsonaro. Flávio Bolsonaro (PL) seria o herdeiro do governo do pai, levando a disputa para o confronto de realizações administrativas.

Já Flávio escolheu outro lugar carregado de significado: a Praia de Copacabana, palco dos 18 do Forte, gênese do “Tenentismo” e de grandes manifestações de Bolsonaro. Reproduziu uma gravação do pai, atacou Lula e o Supremo Tribunal Federal (STF) e prometeu combater o “sistema”, as facções criminosas e a corrupção. Depois do comício, Flávio foi ao emblemático São Januário assistir à partida entre Vasco e Santos. Encontrou Neymar, recebeu um autógrafo numa camisa verde-amarela. Deixou o estádio após o terceiro gol do Santos, sob vaias da torcida vascaína.

Os demais presidenciáveis também escolheram lugares com os quais se identificam. Ronaldo Caiado (PSD) começou com uma missa e uma carreta pelo Entorno do Distrito Federal, partindo de Águas Lindas de Goiás. Apresentou a segurança pública como sua principal vitrine e se colocou como alternativa a Lula e a Flávio. A carreta demonstrou a força regional do ex-governador.

Romeu Zema abriu a campanha em Montes Claros, no Norte de Minas Gerais. Depois de uma missa, caminhou da Praça da Matriz ao Mercado Municipal e conversou com comerciantes e produtores rurais. Ao começar pelo interior, procurou ressaltar sua identidade mineira, o discurso de austeridade e a experiência administrativa.

Renan Santos escolheu o Largo São Francisco, diante das Arcadas da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, onde foi lida, em 1977, a famosa Carta em defesa do Estado democrático de direito. Perante um público majoritariamente jovem, atacou Lula e Flávio, recusou o rótulo de terceira via e apresentou-se como representante de um projeto próprio. Sua presença provocou protestos de estudantes e movimentos de esquerda.